

Senhor dos escândalos, semendor das graças do crime, intendente de suntuosos pecados e grandes vícios, Satā, e a ti que adoramos.



Soberano dos desprezos, contador das humilhações, capataz dos uelhos ódios,

só țy fertilizas o cérebro do homem que a injustiça cémaga.



Tuo incitas aos 155155in1to5, tu lhe dás a exuberante alegria das represalias obtidas,

aboa ebriedade dos suplícios consumados, dos prantos dos quais ele é a causa!

J-K. Huysmans, Nas profundezas



Este é um livro sobre o Diabo.

Mas se o nome soa familiar a quase todos os ouvidos, delinear Satã com precisão nos transporta a um nó similar àquele elaborado pelo filósofo austríaco Ludwig Wittgenstein em torno do universo cromático: "Quando nos indagam o que as palavras 'vermelho', 'amarelo', 'azul' e 'verde' significam, sem nenhuma dificuldade apontamos para objetos que têm essas cores. Mas nossa capacidade de explicar o significado dessas palavras não vai além disso".

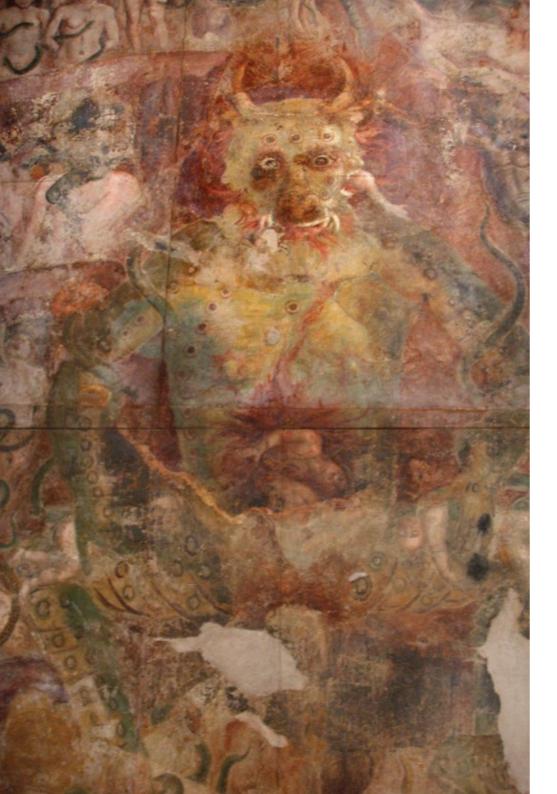
Quem é Satã? A personificação do mal? Tal definição, a mais imediata e corriqueira, passa longe de encerrar o assunto. Para começar, porque, salvo alguns poucos infortúnios compartilhados universalmente, como doenças ou desastres naturais, aquilo que é considerado maligno tem origem moral e, como tal, flutua ao sabor das circunstâncias, vestindo e desvestindo trajes dos mais diversos. Fica difícil, portanto, fixar algum traço de identidade sobre substrato tão movediço. Além disso, há quem acredite na existência de um ser de origem mística a orquestrar todas as desgraças que ocorrem no mundo, enquanto outros — hoje em crescente maioria - consideram o Diabo uma mera alegoria inventada por humanos para justificá-las. Mas a simplicidade dessa cisão — partidários de um Satã real versus os de Satã como fantasia metafórica — também é aparente e até aqueles que o julgam um conceito abstrato indicam com facilidade qual dos seres representados nas páginas anteriores é o Diabo. Assim, ele brota de crenças religiosas e visões sobre o mal, mas, além de acompanhar as transformações de ambas ao longo do tempo, simultaneamente passa a correr numa raia paralela, desvinculado de sua função primordial.

O Diabo existe? Como fruto de uma longa e complexa tradição, existe. Para alguns na forma de uma temível criatura real, para outros não.

Você me vê, por isso estou aqui por você. Vale a pena perguntar se sou real?

Não é real aquilo que realmente funciona? Mão é a realidade experiência e sentimento?

Thomas Mann, Doutor Fausto



A tradição que deu origem a ele pode até ser longa e complexa, mas o Diabo tal qual hoje o identificamos tem data e local de nascimento bem precisos: é obra da Igreja Católica, na Europa feudal da Alta Idade Média.

Claro que tanto a figura de Satã quanto a igreja erguida em torno de Jesus são anteriores a essa época. E nem um nem outro é europeu de berço. Mas foram necessários mais de cinco séculos após a morte de Cristo para o catolicismo consolidar sua doutrina, assim como foi lento e acidentado o processo deliberativo sobre quais os textos que, uma vez agrupados, passariam a ser considerados como a Bíblia. A exata natureza divina e humana de Cristo, por exemplo, só foi definida no Concílio de Calcedônia, em 451. E, num sermão proferido no ano de 591, foi o papa Gregório I quem pela primeira vez considerou três Marias citadas nos Evangelhos — a devota que visita o túmulo de Cristo, aquela de quem ele expulsa sete demônios e a irmã de Lázaro que unge seus pés; todas sem nenhuma conexão aparente entre si além do nome — como uma só pessoa, criando assim a célebre figura da prostituta arrependida Maria Madalena, que tanto pano pra manga rendeu desde então. Com o Diabo não foi diferente: sua síntese teológica foi cristalizada no período inicial da Idade Média, assim como a paisagem de sua morada — o inferno — e seu próprio nome, pois até então Belial, Belzebu, Mastema ou Azazel, por exemplo, também serviam para designar o ser à frente das forças do mal.

Dali em diante, quanto mais a Igreja Católica expandia seu poder pela Europa, maior era o protagonismo de Satã. Não se conhece nenhuma representação gráfica do Diabo anterior ao século VI — todas as pinturas encontradas das catacumbas romanas o ignoraram solenemente —, mas na virada do primeiro milênio ele só perde em popularidade nos códices e afrescos para Jesus Cristo, seu grande inimigo na guerra cósmica entre o bem e o mal.

Vale pontuar que o fato de sua consolidação narrativa ter ocorrido durante essa época específica

serve para anular boa parte do conflito, hoje óbvio, entre realidade e fantasia: a mentalidade medieval reconhecia a primeira na segunda, não nas bases científicas e históricas estabelecidas posteriormente. A própria noção do tempo, da duração da vida de um homem frente à amplitude do todo, não era tão clara quanto seria nos séculos seguintes. Nem a separação entre céu e terra. Satã, portanto, se fazia presente de forma real, dentro daquilo que o termo significava na mentalidade do período. Não só presente como ativo, conclamando suas hordas a espalharem sofrimento e morte, instigando cada ser humano a sucumbir ao pecado para, uma vez entregue ao seu domínio, enfrentar um interminável ciclo das mais torturantes punições.

Diante de tão terríveis ameaças, como se salvar? Onde escapar das garras do mal? A Igreja Católica fornecia a resposta: nela mesma. Fica fácil, portanto, divisar um dos grandes motivos pelos quais o Diabo adquiriu tamanho protagonismo durante a Idade Média: encerradas as discussões teológicas dos séculos subsequentes ao nascimento do cristianismo, o clero entrava numa fase mais pragmática de manutenção do poder conquistado. Quanto mais temíveis se mostravam as forças do mal, maior a necessidade de todos se submeterem, sem questionamento, às regras da única instituição que afirmava ser capaz de enfrentá-las. Com isso, a criatura nascida na esfera devocional via sua força amplificada exponencialmente para se tornar também um instrumento de controle.

Mas Satã não poderia ser considerado um personagem universal caso tivesse se restringido a uma só religião, por maior e mais poderosa que tenha sido a Igreja Católica medieval. No entanto, a imposição daquilo que ficou conhecido como "civilização ocidental", iniciada com a expansão marítima do século XV, e desde então lançando mão das mais diversas modalidades de dominação econômica, do sistema colonial à indústria cultural, para maximizar seu poder, fez com que muitos dos produtos da cultura europeia (como Satã

ou o alfabeto com o qual são escritas estas palavras) passassem a ser considerados e aceitos como universais. E, assim, o Diabo ganhou passe livre para desfilar pelos quatro cantos do globo.

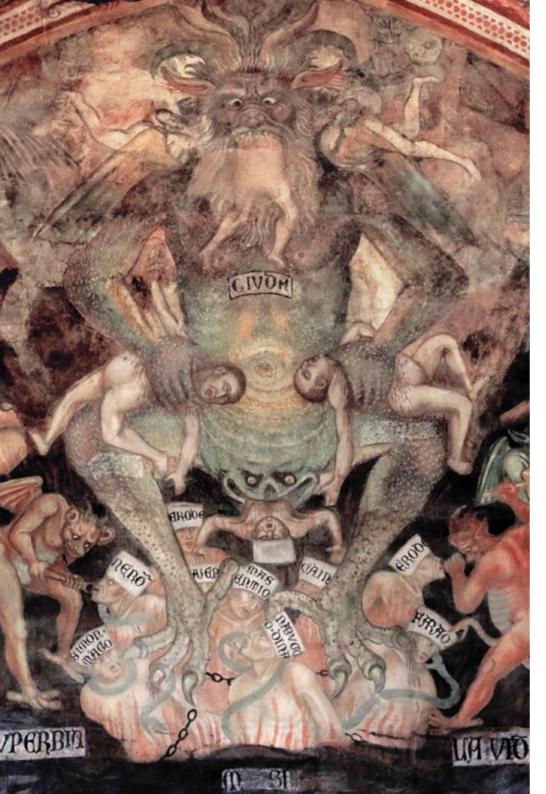
20



Não é preciso grande perspicácia para se constatar que todas as imagens mostradas até aqui se referem à mesma cena. Um recorte do Juízo Final, a triunfante volta de Jesus à Terra para presidir o derradeiro julgamento dos homens (vivos e mortos), quando aqueles cujos nomes não estiverem no Livro da Vida receberão o castigo eterno, sendo lançados em um lago de fogo e enxofre. Satã, desnecessário assinalar, faz as vezes de anfitrião aos desafortunados que, a contragosto, são arrastados por dezenas de demônios para o tormento eterno e passam a receber cruéis punições, em geral vinculadas aos tipos de pecado cometidos em vida. Enquanto isso, do outro lado, numa fila ordenada e tranquila, caminham os justos para a vida eterna.

De grandes proporções e riquíssimas em detalhes, muitas das pinturas do Juízo Final decoravam as igrejas com fins eminentemente didáticos, dentro da célebre premissa católica de que imagens eram a *Bíblia dos iletrados*. Os fiéis olhavam para um lado, encontravam paz e salvação. Viravam o rosto e davam de cara com abomináveis torturas. Quem teria dúvidas sobre qual era o melhor caminho a seguir? Em consonância com essa proposta, a monstruosidade de Satã, bem como a enorme profusão de demônios e punições, funcionavam como marcações literais de alerta: os castigos reservados aos infiéis são muitos. E os piores possíveis.





Nos afrescos executados por Taddeo di Bartolo na cidade toscana de San Gimignano, em 1393, as punições referentes aos sete pecados capitais são aplicadas em "salas" separadas por tipo de delito.



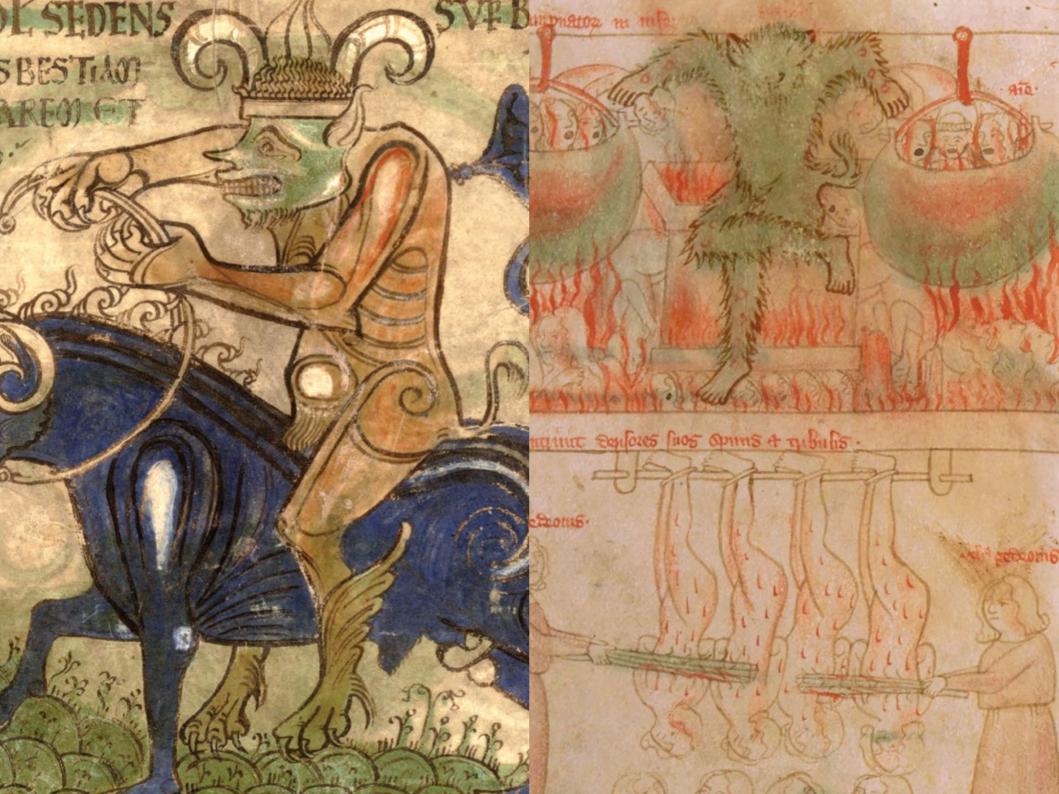


Chama a atenção como todas as ilustrações do conjunto provêm de um mesmo modelo. No olhar de hoje, seriam classificadas como cópias umas das outras. Mas a questão — moral e legal — de se calcar sem pudor o trabalho dito artístico de outra pessoa surgiu um bom tempo depois dessas imagens, e até mesmo a forma como admiramos a "genialidade" de artistas como Giotto e Fra Angelico é em certa medida recente. Desse modo, o percurso das tradições pictóricas do período pode ser observado de maneira mais clara que, por exemplo, o daquelas que se desenrolam em tempos atuais, nos quais a construção de tais tradições se articula sobre pilares de aparência oposta a tudo o que é arcaico como originalidade, ruptura e inovação —, dando a falsa impressão de um processo em constante reinvenção, quando ele segue erigindo, tijolo sobre tijolo, uma seleção promovida por agentes específicos.

Ao contrário de Jesus, sempre central na composição, a figura de Satã não é presença garantida nas representações do Juízo Final. Ou melhor: em muitas obras, é impossível discernir, em meio ao bando de demônios, um ser cuja aparência se destaque dos demais, denotando superioridade hierárquica. Isso vale, aliás, para a mais famosa das representações da cena, a executada por Michelangelo na Capela Sistina. E, de qualquer maneira, essa criatura monstruosa devorando pecadores não foi a única tradição pictórica que construiu o Diabo. Pelo contrário.











Tepli fut xp6 teptaty advabolo



Cap com

Muccon en audung que en acolic fint hapusates

Lont audiag que adra fint the teptates

Ma baptismu ductes e ilsa idesticaspui

Locit ilsa itiut idestii explus sta statul

Locit ilsa itiut idestii explus statulone

Lis e ne dra en ducte si pacce

Lis e ne dra en ducte si pacca pecchii

Lid ut santo telligat videag pecchii

manderas tu auras

ates

no9

paz

:ua/

Ille fee

Na nos

briude

Left

вба

ame

faint suc et au Bii, de saint mathieu.



Dres q au chapitre bessus aud oup commét iesucrist monstrese

